

Exumação sob protestos em Roraima

Legista contesta eficácia do exame dos corpos de oito bebês e promotor diz que faltou tempo para consultar as famílias

Ana Beatriz Magno e
José Varela
De Boa Vista

Roraima, a palavra, significa terra do vento. Diz a lenda Macuxi — uma das maiores tribos do estado — que quando Deus está bravo, sopra com tamanha ira que não fica terra sobre terra. Às 9h30 de ontem, hora de Boa Vista, ventava de fazer barulho enquanto os técnicos do Instituto Médico Legal (IML) cumpriam a ordem judicial de exumação de oito corpos de crianças mortas no último mês no Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré. A exumação, pedida pelo promotor da Infância Marcos Reginoldo irritou parentes dos bebês e foi considerada inútil pelo diretor do IML, Luís Araújo da Silva, médico legista há 21 anos.

“Só estou aqui porque há uma ordem do juiz. Essa exumação é inútil. O promotor não vai conseguir encontrar a bactéria da infecção hospitalar nos corpos. Essa bactéria precisa do ambiente hospitalar para se manter. E mais, depois que alguém morre, 13 famílias de bactérias se instalam no corpo da pessoa”, explicava Araújo, enquanto o vento espalhava a terra, retirada das covas.

O promotor Marcos reconheceu que não consultou as famílias sobre a exumação, também não conseguiu explicar qual o critério usado para escolher as oito crianças. Entre elas, há meninos que morreram no setor de Pediatria, onde até agora não foi detectado nenhum caso de infecção hospitalar. Entre os exumados há também bebês que os exames da Fio-cruz mostraram que a causa da morte não tinha nenhuma relação com a infecção.

DESABAFO

“É culpa dos brancos, é culpa dos brancos. Rosiane, meu anjinho, volta para trás e vive”

Maria Cleonice Servino,
índia macuxi, velando o corpo
da filha de oito meses

motor jura que está sendo acompanhado por um médico. Jura mas não revela o nome do profissional.

“É sigilo, tenho um médico me orientando. Ele me explicou que podemos conseguir detectar a bactéria hospitalar nos corpos das crianças. Por isso pedi a exumação. Se não der certo, partirei para as fichas médicas. O que eu preciso é cumprir o código processual que manda que no caso de infração com vestígios seja feita a exumação. Realmente não ouvi os pais. Não deu tempo”, justificava o promotor, enquanto Luiz Carlos da Silva Patrício, tio de Alan Silva, um menino que morreu de pneumonia aos seis meses, tentava, do outro lado do cemitério, impedir a retirada do caixão de seu sobrinho.

“Isso é um desrespeito aos pais. Por que não fomos pelo menos avisados?”, desabafou Ana Kátia Patrício, 20 anos, mãe de Alan, seu único filho.

Depois de retirados das covas, os corpos das crianças foram para o IML, onde os técnicos retiraram partes dos pulmões. O material será mandado ao Rio de Janeiro para análise.

CULPA DOS BRANCOS

O dia de ontem foi de política e tristeza na maternidade Nossa Senhora de Nazaré. Enquanto uma comissão de deputados federais visitava o hospital e se impressionava com as instalações, uma índia macuxi, Maria Cleonice Servino, velava desesperada na capela do hospital o corpo da filha Rosiane, oito meses, morta anteontem na Pediatria. Perdeu a vida por conta de uma forte infecção intestinal.

Sem falar bem o português, Cleonice repetiu no velório as palavras que cantava enquanto sua filha morria na véspera. “Ai meu paizinho, traz a Rosiane de volta, a minha filhinha. Rosiane, meu anjinho, volta para trás e vive”, cantava entre soluços, enquanto os médicos, afoitos, tentavam reanimar a criança. Foi em vão. Ela morreu às 16h de quinta-feira. Foi a terceira criança índia a morrer nas últimas 72 horas na maternidade.

“Ela já chegou muito mal da aldeia. Chegou em coma”, explicou o médico Alberto Volponi, pediatra. O diagnóstico foi repetido pela irmã Florença, responsável pelos índios internados na maternidade. “Era um caso muito grave”, lamentou a freira, que há 10 anos trabalha com as comunidades indígenas.

A gravidade da doença não consolou a mãe. Ao lado do caixão cercado por duas velas, Cleonice, gritava: “É culpa dos brancos, é culpa dos brancos”.

José Varela



Cânticos, desespero e revolta contra os brancos: Maria Cleonice Servino, índia macuxi, chora a morte da filha Rosiane, por infecção intestinal

ARTIGO

Quem matou nossos bebês?

Teresa Jucá (*)

Várias vezes tive a oportunidade de ler que o Brasil não conhece o Brasil e de acompanhar situações onde a distância, a falta de comunicação e o desinteresse impedem que o Brasil desenvolvido perceba a dura realidade dos estados menores, mais pobres e distantes.

Isto também ocorre na política. No Brasil subdesenvolvido ainda se detém o poder do “mando” e do “desmando” e isso permite que aconteçam absurdos como o que vivemos em Boa Vista, na Maternidade Estadual Nossa Senhora de Nazaré, em Roraima, o estado mais distante do Brasil civilizado.

Tivemos uma tragédia em Caruaru, Pernambuco, e na Clínica Genoveva, no Rio. É importante lembrar que nesses locais morreram doentes crônicos, ou mesmo velhinhos com doenças degenerativas, o que não justifica a situação absurda. Mas eram pessoas com considerável risco de vida.

Aqui em Boa Vista a tragédia dos bebês choca ainda mais, pois eram recém-nascidos que não tinham problemas de saúde, mas foram colocados num berçário infectado, sem o mínimo de higiene, numa ação criminosa. Ali, a morte os esperava. Essas crianças morreram pela absoluta falta de responsabilidade, pela negligência e politicagem de governantes sem o mínimo preparo e sensibilidade pela vida.

É duro pensar no sofrimento desses pais. A dor é mais intensa porque sabem que, com um mínimo de atenção e cuidado, as mortes poderiam ser evitadas. Como administrador, sei que a saúde pública tem de ser prioridade. Não se pode regatear (nem desviar) recursos. Nem hesitar em investir num setor vital como a saúde.

Entendo, portanto, que o maior responsável pela tragédia na única maternidade de Boa

Vista é o governador Neudo Campos. Administrando um estado de 270 mil habitantes, ele deveria ter a responsabilidade de manter a maternidade funcionando com um mínimo de equipamentos e em condições. Falta a decisão “política” em favor da vida dessas crianças. Falta a responsabilidade de um governante para uma área tão vital como a saúde. Falta o acompanhamento na cobrança diária, na melhoria do atendimento público.

Como justificar a falta até de sabão líquido no centro cirúrgico? E foi a falta dessas pequenas coisas que matou os nossos bebês! Em Roraima, um complexo de interesses tem de ser atendido ao sabor dos ventos politiqueros.

Como justificar que a limpeza da maternidade, com contrato de mais de R\$ 50 mil mensais (sem licitação), pertença a um deputado estadual do grupo do governador?

Falta dinheiro? Não justifica! Dez dias antes das eleições, R\$ 16 milhões foram liberados pela Caixa Econômica Federal a título de empréstimo. O dinheiro sumiu na eleição. Além disso, o estado tem, proporcionalmente, um dos mais altos repasses do FPE do país, livre da folha de pagamento do funcionalismo, paga pela União. E a maternidade não tinha sabão para lavar as mãos dos médicos?!

Como em outros lugares, Roraima também tem aqueles políticos que usam o serviço público não para servir ao público, mas para servir a si mesmos.

A mortandade dos bebês é a soma dessas ações, o resultado matemático de quando se pratica politicagem na saúde. O maior temor é que, depois de tudo, do escândalo, do sofrimento, das vidas perdidas, fique tudo por isso mesmo.

* Teresa Jucá é prefeita de Boa Vista

Deputados dizem que já foi pior

Mesmo sem saberem ao certo o que foram fazer em Boa Vista, os parlamentares da comissão da Câmara não ficaram nada satisfeitos com o que viram. Reconheceram, no entanto, que o Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré já passa por várias reformas.

“A situação é terrível, mas já esteve pior. Há muitas coisas erradas, crianças na mesma maca, ventilador espalhando a doença, condições de higiene precárias, principalmente na Pediatria. Há falta de médicos. Onde está o plantonista?”, perguntava o deputado e médico Francisco Chinaglia (PT-SP), enquanto uma barata passava ao lado do berço de uma criança.

CONVULSÃO

Do outro lado, um bebê com malária, sozinho, sem a mãe, entrava em convulsão. “Cadê o plantonista?”, repetiu o parlamentar. Minutos depois, a diretora do hospital, Francineia Rodrigues, cansou de esperar o médico, pegou o menino no colo e levou para a sala de exames.

“Aqui é tudo muito difícil. O menino tem dois meses, pesa quatro quilos, já recebeu transfusão de sangue e a mãe nem está ao lado dele. É tudo muito difícil”, desabafou Francineia.

Só em outubro morreram no hospital 38 crianças — 35 recém-nascidos no berçário e três com mais de um mês de vida no Departamento de Pediatria. Entre os recém-nascidos, 21 foram vítimas de infecção, sendo 15 de infecção hospitalar, segundo os exames da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro.